

# FORMAÇÃO, VIVÊNCIA E CONVIVÊNCIA NOS FÓRUNS REGIONAIS MINEIROS DE EJA

Fernanda Rodrigues **Silva** – UFMG

## **Introdução**

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa empírica que teve como objetivo compreender como os/as organizadores/as apreendem os espaços proporcionados pelos Fóruns Regionais Mineiros de Educação de Jovens e Adultos (EJA) quando estão na organização, sob três aspectos: do significado de participar da preparação dos encontros, do impacto na região e nas instituições promotoras.

A pesquisa pretendeu também construir uma compreensão sobre Fóruns de EJA buscando analisá-los como espaços de ação, de participação e de deliberação. Isso porque o conjunto da produção acadêmica em torno das questões que envolvem a experiência coletiva contemporânea aponta que cada vez mais se torna difícil e complexo conceituar os fenômenos coletivos, seus embates e atores. Para dar conta dessa pesquisa de cunho qualitativo foram selecionados dois Fóruns Regionais do total de oito, à época da pesquisa, mediante os critérios de um ser iniciado no âmbito da municipalidade (Fórum do Leste) e outro da Universidade (Fórum do Sudeste), de disponibilidade do material produzido na organização dos encontros e da distância da sede dos Fóruns (Ipatinga e Viçosa, respectivamente). O Fórum do Leste contava em 2007 com seis anos de atividades e o Fórum do Sudeste com três.

Além da análise dos documentos produzidos para cada plenária, foram entrevistadas três organizadoras do Fórum do Leste (professoras atuando na coordenação da EJA nas Secretarias Municipais de Educação dos municípios de Coronel Fabriciano, Ipatinga e Timóteo) e oito do Sudeste (duas professoras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), cinco representantes das Superintendências Regionais de Ensino (SRE) (Ponte Nova, Ubá e Muriaé) e uma coordenadora municipal de EJA de Oratórios), complementado os estudos de caso. A fim de cercar melhor a compreensão sobre os Fóruns Regionais, fez parte da pesquisa um representante dos seguintes Fóruns Regionais Mineiros: das Vertentes, dos Inconfidentes, da Zona da Mata, do Metropolitano e do Norte de Minas, do Fórum Regional de Ibirama (SC) e

do Fórum Permanente do Extremo Sul da Bahia (BA)<sup>1</sup>, contribuindo com a compreensão sobre a organização dos Fóruns.

O estudo de ambos os Fóruns apontou que, apesar de terem características e funcionamentos diferenciados, isso não impediu de encontrarmos semelhanças nas falas das organizadoras quando reconhecem os Fóruns como locais de formação: aquela vivenciada durante toda a preparação dos encontros, a que se desdobra nos projetos individuais e a que (in)forma para o trânsito em outras ações no campo da EJA. A visibilidade da EJA nas instituições e nas regiões onde acontecem, apontada quando as autoridades prestigiam as plenárias dos Fóruns, foi consenso entre elas. Os resultados jogaram luz em um período recente da história da EJA e ajudaram a construir o entendimento sobre o papel dos Fóruns em Minas Gerais.

### **O retorno da participação: os Fóruns de Educação de Jovens e Adultos**

O século XX se fez palco de reabertura para o debate sobre a questão democrática. Muito se deve à reabilitação da participação da sociedade nos projetos de redemocratização dos países chamados em desenvolvimento ou do Sul, dada a variação de práticas sociais e a recuperação de tradições participativas anteriormente solapadas por governos autoritários. Tais práticas reconhecem a pluralidade humana e advogam pela criação de uma nova gramática cultural (Santos & Avritzer, 2002) e, ao pensarem a pluralidade, recolocam diferentes atores nos processo de discussão e deliberação junto ao Estado, sem desconhecem as múltiplas distorções dentro do próprio Estado.

No bojo do debate democrático recente emerge a leitura deliberativa de democracia. Faria (2005) e Ribeiro (2008) localizam nesta discussão Habermas (1995), Cohen (2003), Avritzer (1996) e Bohman (1996), principalmente. Nesse modelo a democracia centra-se no resgate do ideal de soberania popular<sup>2</sup>, na medida em que a proposta deliberativa defende que as decisões devam ser antecedidas de uma discussão entre os atores envolvidos (Ribeiro, 2008: 3). A esfera pública é o local de participação, por excelência, dos “não-políticos”. Nesse sentido, a legitimidade da decisão estaria garantida ao se devolver ao “povo” sua voz. Porém, tanto Habermas (1995) quanto Cohen (2003), Avritzer (1996) e Bohman (1996) consideram

---

<sup>1</sup> Os nomes dos organizadores são reais e são utilizados com o consentimento de todos.

<sup>2</sup> Soberania popular é aqui definida como a extensão do processo decisório para outros atores que não só os representantes políticos eleitos em eleições periódicas, segundo Faria (2005).

que a esfera pública guarda uma tensão interna. Se de um lado ela [esfera pública] está vulnerável aos efeitos repressivos do poder social, por outro, permanece aberta a perceber com mais sensibilidade novos conflitos e demandas oriundas de ordens diversas. Tais coletivos e formas de ação vêm se constituindo a partir do último quartel da década de setenta com motivações, formas de relações e orientações diversas (Melucci, 2001: 8), ora apresentando particularidades da demanda ora traços em comum.

Novas motivações são percebidas no Brasil do pós 85. O período é marcado pela revitalização de práticas coletivas de grupos organizados em temáticas e canais de visibilidade distintos, por vezes, inéditos. Uma gama crescente de questões acompanha cada demanda específica e acaba por redefinir os espaços sociais, a cultura de negociação das diferenças, a política, as arenas políticas institucionais, a tutela estatal, enfim, os campos de resistência e as forças culturais. A pluralidade desses grupos sociais organiza-se com tamanhos, lógicas e extensões territorial e temporal bastante diversas. Isso mostra que não operam em um mesmo plano e, sim, em diferentes níveis da vida social. No campo teórico significa reconhecer a criação de novas categorias de análise e o desafio às teorias sociais e políticas, é construir nova produção sociológica, e mais, reconhecer que a classe social não possui lugar central nos debates e, sim, a sociedade civil. Se considerarmos aqui sociedade civil baseada em direitos de comunicação, em associações e movimentos civis (Arato, 1994: 4) e, segundo Cohen (2003: 424), com suas organizações informais, pluralidade interna e públicos civis, faz-se necessário acrescentar que a sociedade civil responde a uma lógica mais profunda balizada por entrecruzamentos e pelos contornos do tempo e dos grupos que se mobilizam.

Neste sentido, a unidade de análise dos processos coletivos tem como referência os sujeitos e cada situação social conta com um conjunto diferenciado deles. Segundo Scherer-Warren & Gadea, (2005: 41-42), de maneira sucinta, a matriz de Touraine (1994, 1997) para se pensar modernidade, democracia e sujeito social, afirma que “ser sujeito” significa ter vontade de *ser ator*. Para o sociólogo francês, o sujeito passa a ser categoria central no debate político sociológico à medida que deseja atuar e transformar o mundo em que vive. O ator, individual ou coletivo, tem a possibilidade de operar na interface do exercício democrático e das lógicas institucionais de participação e decisão política quanto mais a democracia garantir espaços de inserção. Garantia esta que deve vir associada ao respeito, ao pluralismo e às diferenças individuais do sujeito/ator social.

A aparição do sujeito/ator promove a visibilidade e, não raras vezes, a afirmação de identidades pouco perceptíveis. Sobre esta questão, Martuccelli (1996: 22) aponta que além do desejo de afirmação identitária, está em jogo o desejo de se afirmar enquanto indivíduo na cena social. Indivíduo esse que reclama o primado da política da autenticidade dentro do quadro democrático e a pertinência política das especificidades culturais mediante uma gramática que as legitime.

O movimento em prol da EJA, segundo Di Pierro (2005), adquiriu diferentes configurações em cada período histórico, mantendo, portanto, relações de cooperação e conflito com os governos. Assim, desde a segunda metade da década de 1990, adotou a constituição de Fóruns de Educação de Jovens e Adultos, os quais assumiram a discussão e o aprofundamento das questões que desafiam essa modalidade de educação. O primeiro Fórum Estadual de EJA foi criado pelo Rio de Janeiro, em 1996 em meio à série de encontros preparatórios que antecederam a V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFINTEA) ocorrida em Hamburgo (Alemanha) no ano de 1997. Paiva et al. (2004: 12) ao rememorar as mobilizações do período conclui que *a experiência mais rica, todavia, na tessitura dessa teia, tem sido vivida nos movimentos internos do Brasil de 1996 para cá, com a constituição de Fóruns de EJA*. No ano de 1998 foi a vez de Minas Gerais, Paraíba e Espírito Santo constituírem seus Fóruns. Desde então, os Fóruns foram criados, gradativamente, em todos os Estados.

Os motivos e os momentos que levam a criação de cada Fórum Estadual ou Regional guardam peculiaridades, tanto que Lima (2006: 51) acrescenta que eles *têm sido instalados no território nacional, com motivações diferentes na origem e no processo de cada movimento local*. Ao mencionar a criação do Fórum da Paraíba, Lima (2006: 54) escreve que o momento viria;

“[...] como resposta à demanda de diversas iniciativas de EJA que necessitavam de uma maior interlocução entre os segmentos gestores de programas de EJA, no entanto, somado à exigência de uma maior mobilização e intervenção desses atores na elaboração de políticas públicas para a educação de jovens e adultos, foi outro elemento propulsor da criação do Fórum da Paraíba”. (Contribuições para o VII Encontro Nacional de EJA, 2005: 01)

Em se tratando dos Fóruns de EJA a prudência ao entrar no debate sobre a natureza e o funcionamento de cada Fórum é fundamental, pois, identificamos a insuficiência das

abordagens sociológicas quando se trata de buscar um conceito e um modelo de Fórum. Portanto, foi necessário decompor a unidade *Fórum* para melhor compreendê-lo quando, neste caso, associado a EJA. Uma vez decomposto, foi possível identificar na essência do Fórum de EJA as categorias: ação, discurso ou comunicação, experiência coletiva, sujeitos/atores, mobilização, identidade, participação, deliberações, pelo menos. Acrescenta-se que, em cada Fórum de EJA foi importante apreender a intensidade, a relevância e as condições nas quais emergem essas categorias dialogando com os condicionantes objetivos, subjetivos e com grau de interferência desse movimento na topografia social. Sabe-se que os Fóruns de EJA inserem-se no campo dos estudos recentes sobre a educação de jovens e adultos e, segundo Silva (2005), Moreira (2005), Dantas (2006), Paiva (2007) há pouco acúmulo na literatura sobre esse tema. Campos (2005) lembra que essas novas demandas e protagonismos que os sujeitos colocam em curso poucas vezes são objeto de estudos acadêmicos.

### **O Fórum Mineiro e os Fóruns Regionais de EJA**

O Fórum do Rio de Janeiro, com apenas um ano de atividade, já demonstrava vigor e propagava a importância do Fórum de EJA nos cenários carioca e nacional ao mesmo tempo em que incentivava outros Estados a criarem seus espaços de discussão. Minas Gerais organizou-se e realizou sua primeira plenária no dia 2 de junho de 1998 na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O grupo que articula o Fórum Mineiro desde cedo entendeu a necessidade de ampliar as discussões da EJA pelo Estado. Centrado em Belo Horizonte, o alcance do Fórum Mineiro estava condicionado a grandes deslocamentos dos diferentes grupos que se envolvem com o fazer na EJA e o ser da EJA em Minas Gerais. Portanto, a questão que se colocava era como o Fórum poderia atingir aos 853 municípios mineiros.

O papel indutor do Fórum Mineiro se efetiva concomitante ao processo de divulgação dos eventos. Faz-se necessário mencionar que ao longo desses dez anos houve plenárias do Fórum Mineiro com periodicidade quase que mensal. Sobre o contato com o Mineiro, as entrevistas dão pistas nestas direções;

[...] Logo no final de 99 nós recebemos uma propaganda do Fórum Mineiro. Aí eu lembro que a minha gerente falou: - “tem um encontro, um Fórum em Belo Horizonte prá gente participar”. Aí nós começamos a participar no Fórum Mineiro no final de 99, início de 2000. Entrevista Romilda/Fórum do Leste

[...] O Willer, professor do DPE, fazia parte do PRONERA e por conta da participação no PRONERA ele conheceu o Fórum Mineiro. Ele conhecia o Fórum Mineiro e me chamou “acontece um Fórum Mineiro em Belo Horizonte todo mês, vamos.” Foi por convite dele em 2001. (Rosa/Fórum do Sudeste.).

A teia de relações que se estabelece ultrapassa as fronteiras de Belo Horizonte, indo despertar o interesse, a curiosidade de sujeitos nos quatro cantos das Minas Gerais. O que se pode perceber é que ao entrarem em contato com o Fórum Mineiro não tardavam receber incentivo para articular os pares, para explicar o papel dos Fóruns, dialogar a importância da continuidade das discussões, da divisão de tarefas e isso culminava no início de um Fórum Regional. A pedra de toque acabava sendo o Mineiro ao mesmo tempo em que seu modelo e organização se apresentavam, a princípio, como parâmetros de evento. Esse processo de criação de Fóruns Regionais favorece o processo de interiorização dos Fóruns de EJA e a descentralização do Fórum Mineiro.

Nas Gerais, a interiorização inicia-se no ano de 2002, com a criação do Fórum do Leste, no município de Ipatinga, no dia 23 de março. Na esteira da criação do Leste vieram, no ano de 2004, o Fórum do Oeste, sediado em Divinópolis (20 de março); o Fórum do Norte, em Montes Claros (04 de junho); o Fórum da Zona da Mata na cidade de Juiz de Fora (em julho) e o Fórum das Vertentes com sede em São João Del Rei (10 de agosto). No ano de 2005 há o surgimento do Fórum dos Inconfidentes, sediado em Mariana (23 de março) e do Fórum do Sudeste, em Viçosa (18 de junho). No ano seguinte foi criado o da Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Vespasiano (10 de março). Ao final do ano de 2007, acompanhamos o processo de criação dos Fóruns Caminho do Mar (Manhuaçu) e do Triângulo Mineiro (Uberlândia). Tributários da trajetória do Fórum Mineiro, os Fóruns Regionais tentam absorver dele algumas características que vão desde a organização das plenárias e dos encaminhamentos, passando pela elaboração dos meios de divulgação e sustentabilidade dos eventos. Portanto, não é forçoso apontar o Mineiro como matriz para os Regionais, sobretudo quando iniciam. Tão logo começam a se articular na região, os grupos assumem suas especificidades e caminham a ritmo próprio. Constatamos que a presença do Fórum Mineiro ampara o surgimento e a organização dos Fóruns Regionais.

### **Organização dos Fóruns Regionais: compreendendo a ação**

A estrutura dos Fóruns de EJA é algo que merece a atenção de estudos e pesquisas e está longe de ser reconhecida como elemento definido. Muito se deve ao fato de que os Fóruns Estaduais e Regionais possuem peculiaridades que se refletem na organização e à multiplicidade de experiências dos atores que se envolvem com a preparação das plenárias. Para tanto, o caminho aqui trilhado buscou identificar alguns pontos que poderiam servir de base para a compreensão de como os Fóruns de EJA se apresentam e se organizam.

Estudos de Paiva (2007) e Dantas (2005) reconhecem que a forma organizacional nos Fóruns, de uma maneira em geral, engloba a constituição da secretaria (local da articulação e referência), a periodicidade e o financiamento dos eventos. Moreira (2006) acrescentou na análise de Paiva e Dantas o registro dos eventos, o tipo – se itinerante ou fixo – e a instituição que atua como secretaria para os Fóruns. Em se tratando dos Fóruns Regionais Mineiros, notamos que para levarem a cabo os encontros, são promovidas ações que vão desde a articulação de um grupo, a localização da secretaria, passando pelas reuniões preparatórias que discutem os temas das plenárias e o convidado, a periodicidade, o modelo, a divulgação, o registro, o processo avaliativo do evento, a distribuição de tarefas até a busca de recursos financeiros. O conjunto de práticas organizativas dos Regionais Mineiros se expressa no trabalho dos grupos da secretaria.

A tentativa de identificar quem são os sujeitos envolvidos com a organização de um Regional revelou que, majoritariamente, são educadores das redes públicas de ensino, distribuídos em dois grandes grupos. Um diz respeito àqueles com trajetória no campo da EJA oriunda da inserção no Ensino Superior, por meios de Núcleos de EJA. Outro, com experiências na Educação Básica em momentos de atuação nas Secretarias Municipais de Educação (SME) e/ou nas SREs. Eis alguns sujeitos e lugares:

Estou na educação há 17 anos. Oito anos trabalhei como professora de jovens e adultos e há três anos, dentre as funções que exerço na SME, uma delas é a coordenação da EJA no meu município. (Andréa/Muriaé/Secretaria do Fórum Sudeste).

Desde 98 estou na EJA. Entrei como coordenadora depois teve mudança política, né? E aí voltei a ser professora de novo, voltei para a sala de aula. Depois em 98 fui convidada pelo prefeito e voltei em 2005 para a Secretaria de Educação. (Ana Maria/Fórum do Leste)

[...] em 2003 fui convidada para trabalhar na SME para estar coordenando a EJA. Efetivamente eu assumi esta coordenação em 2005 por problemas políticos internos. (Cecília/Fórum do Leste).

As falas nos levam a inferir que, para o educador das redes públicas de educação básica só é possível participar da preparação do Fórum e neste momento tomar decisões, partilhar tarefas e assumir compromissos, quando ele está ocupando algum cargo nas Secretarias Municipais ou nas SREs. Isso porque, quando o educador está atuando em sala de aula, dificilmente obtém liberação para se ausentar de seu encargo didático, tantas vezes quantas forem necessárias para a realização de uma atividade extramuros escolares. No caso dos Fóruns do Leste e do Sudeste acrescentamos que são mulheres, professoras, militantes à frente da organização e da continuidade dos Fóruns. Buscamos conhecer como as organizadoras se percebem enquanto “sujeitos da ação” e encontramos que a autodenominação desses sujeitos ainda não é consenso. Por outro lado, é possível perceber que as autodenominações estão ligadas a um processo maior que é o próprio reconhecimento de ser algo da ordem do coletivo. O que nos leva a sustentar a afirmação é o fato de termos encontrado nomenclaturas variadas que se remetem não a indivíduos e sim a coletivos, a saber: “Grupo Articulador” ou somente “Grupo”, “Comissão Organizadora”, ou apenas “Comissão” ou, ainda, “Comissão Articuladora”, “Coordenação Colegiada” e “Secretaria Executiva”. Se ao mesmo tempo os Fóruns Regionais apresentam liberdade para se expressarem e uma baixa institucionalidade, em contrapartida encontramos os limites da grande rotatividade de sujeitos e instituições na articulação das plenárias. Isso nos leva a inferir que tais limites podem estar relacionados à baixa institucionalidade, uma vez que não foram encontrados registros de compromissos formais assumidos pelos sujeitos e instituições nos Regionais Mineiros. Se o evento acontece devido a uma coalizão de forças e instituições, a cada troca de sujeitos significa momentos de reestruturação e equilíbrio do modo operativo também. A nosso ver, esses tempos experienciados pelos Regionais incidem diretamente no intervalo entre um evento e outro, ou seja, a periodicidade das plenárias pode estar sujeita à permanência dos grupos responsáveis. Resulta daí a importância de uma estrutura física, de um local que preserve o material da preparação, de modo a resguardar a continuidade dos Fóruns em caso de mudanças no grupo que participa da organização. Uma vez percebidos a pluralidade de conformações, de interesses, de diferenças e de ambigüidades que podem estar presentes nos Fóruns Regionais faz sentido conhecer como os organizadores percebem esses espaços ao estarem envolvidas



diretamente com a organização. Buscaremos pensar a questão dialogando com os Fóruns do Leste e do Sudeste.

### **Os Fóruns e as organizadoras: múltiplas subjetividades**

Em se tratando de dois Fóruns Regionais, um desenvolvido no âmbito das Secretarias Municipais de Educação e outro da Universidade, encontramos como sujeitos à frente mulheres, pedagogas, militantes, com mais de 15 anos de experiência na área da educação – compreendendo atuação na sala de aula e na administração. As organizadoras, atrizes dos Fóruns, destacam ao serem perguntadas sobre o que tem sido estar como membro da secretaria, seus olhares, percepções, desejos, descobertas, buscas, desafios, dilemas, interesses, caminhos trilhados, tensões, ambigüidades, contribuições. Tudo isso, pode-se dizer, estrutura a própria experiência dos Fóruns. O fato singular de estarem presentes nesta nova arena de responsabilidade coletiva, com fortes mediações simbólicas e linguísticas, faz com que vivenciem processos de subjetivação ao se verem “*no olho do furacão*” (Rosa/Fórum do Sudeste). Adentrar esta subjetivação nos permitiu conhecer um pouco mais a natureza dos Fóruns e como a experiência pessoal [de cada organizadora] contém, em alguma medida, a experiência de todas. É inegável nos depoimentos que a contribuição dos Fóruns mistura os planos pessoais e profissionais, ou seja, os Fóruns excedem o plano pessoal e transitam no profissional, conforme a colocação:

Você quer ver uma coisa interessante que eu consigo perceber é que antes eu estava contribuindo na co-orientação de uma monografia ou Trabalho de Conclusão de Curso de graduação. Sempre buscando segurança na Rosa, que ela tinha mais experiência. E isso me fez ir buscar e hoje eu já oriento monografia nessa área. Ainda ontem eu estava na Internet pesquisando sobre o CESEC, ensino supletivo. Ainda ontem eu estava na Internet pesquisando sobre o CESEC, ensino supletivo. Hoje eu me sinto mais segura, tenho um certo domínio de quando surgiu, o que é essa EJA, sabe? Hoje eu tenho um pouco de leitura, não vou dizer que domino sobre isso, mas eu já tenho um pouco de leitura sobre EJA, sabe? O Fórum com certeza contribuiu para isso, até, não sei se você já pode perceber a seqüência dos nossos temas que já foram trabalhados até hoje nos Fóruns: então, nós começamos com o que é a EJA, sabe? Depois foi caminhando e o último Fórum nosso o tema foi com relação às políticas públicas. Nesse meio a gente passou pela formação, práticas, método Paulo Freire, foi um caminhar, um avanço e aí nós fechamos com as políticas públicas. Na semana que vem teremos reunião para planejar o próximo Fórum. Vamos ver o tema que vamos eleger, mas já chegamos até as políticas públicas”. (Etelvina, UFV/Fórum do Sudeste).

[...] “o que mais, a própria possibilidade de ir para o doutorado. Eu acredito que eu consegui o doutorado por causa dos meus conhecimentos nos Fóruns. Eu aprendi EJA muito dentro dos Fóruns. Para eu conseguir fazer um bom projeto e estar dentro hoje eu devo isso aos Fóruns, porque é onde a gente aprende. Livro ensina muito menos. Claro que a gente lê muito, mas a gente cresce muito nas discussões. Então o meu crescimento profissional muito vem dos Fóruns”. (Rosa, UFV/Fórum do Sudeste).

Uma análise nos depoimentos das organizadoras nos leva a considerar que a participação na secretaria fornece subsídios para inscrevê-las em outros papéis utilizando, por vezes, os mesmos recursos, saberes ou racionalidades desenvolvidas na organização dos Fóruns. Essas múltiplas orientações expressam a heterogeneidade da construção desses sujeitos, resultado dos vários espaços e tempos de vivência. Acrescenta-se a este resultado o fio condutor dos temas debatidos nos Fóruns. Desse modo, entendemos que a escolha dos temas funciona como vetor importante de informação e formação. No plano da organização, a realização dessa dupla função (informação e formação) não é casual. Cecília (Timóteo/Fórum do Leste) corrobora a importância do Fórum para seu processo de aprendizagem sobre a EJA da seguinte maneira:

nossa! Contribuiu muito! [o Fórum] Eu aprendi muito. Em termos políticos, educacionais, pedagógicos, eu ... encaro o Fórum como espaço de formação!

De que formação Etelvina, Cecília e Rosa estariam falando? Percebemos que os Fóruns são reconhecidos pelas organizadoras em função do cunho formador. Percebemos, pelo menos, três dimensões dessa formação: aquela vivenciada nos momentos de escolha dos temas e de montagem dos Fóruns no coletivo da secretaria, a que ocupa os membros na tomada de decisões para que os Fóruns aconteçam e outra que se desdobra nos projetos individuais.

### **As instituições e as regiões: revendo posições**

Pensem os locais e as instituições pela fala de Simone (SRE-Ubá/Fórum do Sudeste):

Participar da realização do Fórum e vir participando da secretaria é muito significativo, porque quando ingressei na SRE, há cinco anos atrás, a pasta da EJA era praticamente vazia. Hoje a gente tem visto que tem crescido. [...]

O ecoar da frase “a pasta da EJA era praticamente vazia”, nos leva a refletir sobre o grau de relevância que a modalidade assegurava nas instituições. A baixa atenção recebida não é mérito (*sic*) somente das SREs. Romilda (SME-Ipatinga/Fórum do Leste) entende também que [o Fórum] é o momento de mostrar que a EJA existe, está ali. Isso porque a EJA, enquanto modalidade, se depara com a administração pública focada para o ensino fundamental de crianças e, com isso, tem custado a ganhar atenção dos especialistas e um tratamento diferenciado. Na Universidade não é diferente. Segundo Etelvina (UFV/Fórum do Sudeste), as pessoas [do Departamento de Educação da UFRV] hoje respeitam o trabalho do Fórum. A pertinência do comentário reside no fato de a EJA entrar nas Universidades pela porta da extensão, sendo a extensão vista com menor valor no tripé compartilhado com o ensino e a pesquisa, reitera Oliveira (2006). Os Fóruns, enquanto atividade com baixa institucionalidade (Paiva, 2007; Feitosa, 2007; Di Pierro, 2005), iniciam-se nas Secretarias Municipais de Educação, nas Superintendências Regionais de Ensino e nas Universidades mexendo de alguma maneira com o que está posto. Vejamos:

Hoje não é mais aquele negócio, o NEAd, um trabalho de extensão lá da Professora Rosa. Hoje a administração respeita, né? Hoje a Universidade tem ciência de que o DPE tem o compromisso com três SREs regionais na realização destes eventos. Você realizar um evento de três em três meses com uma presença de 250 a 300 pessoas, não é? Isso acaba mexendo e as pessoas acabam vendo que está acontecendo. Não foi uma ou duas vezes. Nós vamos para o oitavo, realizamos o sétimo. Então eu vejo assim, um respeito da administração superior com esse trabalho do DPE. Eu percebo que existe, a começar pelo próprio DPE que não tinha e hoje tem. [...] (Etelvina/Fórum do Sudeste)

Na fala de Etelvina nota-se a amplitude da trajetória do Fórum, aliada às atividades do Núcleo de Educação de Adultos (NEAd), expressa nas formas de reconhecimento, respeito e valorização dos encontros. Romilda (SME-Ipatinga/Fórum do Leste) acrescenta:

Em todos os municípios é um momento de discussão, de formação, mas também uma vitrine, porque as pessoas vêm as prefeituras. Tem um cuidado de colocar no *site* da prefeitura, no jornal, entendeu? Tem sempre o cuidado de reforçar para as pessoas que o Fórum é um espaço importantíssimo, né? Que a EJA hoje se organiza através de Fóruns, então assim, para mostrar mesmo para as pessoas. Porque tem muita gente que não conhece o Fórum, é um papel importantíssimo. [...] Na hora que tem um Fórum as pessoas falam ‘nossa aqui tem EJA’, ‘a EJA aqui está organizada’, ‘a EJA funciona’. Por exemplo: eu lembro muito do Jerry no ano passado

que o Fórum foi num salão de festas que é o *point* de Iapu. Então, assim, foi muito interessante, a cidade parou.

Uma vitrine. Dar visibilidade. Apresentar o trabalho da EJA. Compor a própria EJA. Romilda dá conta de apontar as lutas para edificar referências de EJA na administração pública municipal. Tanto que faz parte da secretaria do Fórum montar o esquema de divulgação, do convite, da composição das mesas de abertura com autoridades, das chamadas em jornais e rádio, dentre outros canais de expressão. As áreas de abrangência regional de ambos os Fóruns podem ser consideradas amplas, difusas e compostas por várias localidades de tamanhos variados. Congregá-las é um desafio.

Na realidade o Fórum deu um destaque a EJA na região. Há uns dez anos atrás não se ouvia falar de movimento que articulasse a EJA. Eu acredito que, por ter uma divulgação, por ser um espaço de troca de conhecimentos, de socialização de experiência e informação, dê uma certa visibilidade a EJA. (Cecília, Timóteo/ Fórum do Leste).

A fala de Cecília nos remete a pelo menos dois pontos. Um primeiro diz respeito à falta de movimentação em torno da EJA, há uns dez anos. Um segundo ponto está relacionado ao tripé socialização, troca de experiências e informação. Essa conjunção nos possibilita delinear um perfil de ação nos Fóruns, ou seja, uma maneira de como começam a ser pensados os Fóruns, e, portanto, conhecidos estes espaços. O papel informativo é corroborado por Etelvina (Viçosa/Fórum Sudeste):

uma vez que hoje eu vejo o nosso Fórum na região Sudeste exercendo o papel de informação. Informação que as pessoas desconhecem. Desconhecem a legislação, o que está sendo posto em termos de políticas públicas para a EJA e o nosso Fórum é que está levando essas informações para as pessoas, inclusive em nível de SREs.

A circulação de notícias sobre a EJA ganha mais velocidade com os Fóruns. Isso porque as organizadoras transitam em outros espaços como o Fórum Mineiro, o Encontro Nacional de EJA, o portal dos Fóruns de EJA que, segundo Paiva (2007), formam uma rede de informações favorecendo o acompanhamento das ações no campo da EJA. O trabalho de divulgação na administração municipal não é menor, como mostra Romilda (Ipatinga/Fórum do Leste):

[...] a gente divulga o Fórum Mineiro. Normalmente quando a gente recebe convite, a gente manda pras escolas, tira cópia. Quando vai um carro maior, a

gente leva professores e já levamos alunos também. Então assim, a gente tenta passar todas as informações para os professores. Tem o Fórum aí e você coloca lá: mensalmente tem o Fórum Mineiro, anualmente tem os ENEJAs, tem o *site* que vocês podem estar acessando, para realmente poder divulgar.

Não raras vezes, regionalização em Minas Gerais pode ser entendida como sinônimo de certo isolamento. Isolamento este caracterizado pelo distanciamento da capital, dos centros urbanos regionais, dos pólos mais concentrados. Em outras palavras, isolamento da comunicação e da troca. As impressões de Rosa (UFV/ Fórum do Sudeste) caminham nesta direção:

para a região a gente percebe que a contribuição é inúmera a cada Fórum. Aquela idéia de pensar que EJA é só alfabetização do governo, que EJA é CESEC, é supletivo e alfabetização.[...] A outra grande conquista que o Fórum traz é que esses municípios que convivem com o nosso Fórum são muito carentes, isolados. Eles têm uma necessidade imensa de formação, cursos, palestras, oficinas. Tudo o que pensa no Fórum é bem recebido porque eles não têm nada.[...]

Nota-se que, se de um lado os Fóruns Regionais, de modo em geral, provocam certa desestabilização nos contextos nos quais se inserem, de outro, podemos inferir que passam pelo crivo da credibilidade, da sustentabilidade e da permanência, ou seja, os interessados aguardam a consolidação do encontro para envidarem esforços na participação. É o que evidencia Etelvina com a alusão “*um professor de um município, dois professores, estão aparecendo*”. Isso traduz, em certa medida, a importância de se manter um Fórum Regional com certa periodicidade. Ao pensarmos o adjetivo regionalidade abarcamos um universo plural, regionalidades, as quais guardam suas especificidades, seus limites e, sobretudo, interesses próprios, que podem interferir no tempo de adesão de cada sujeito/instituição aos Fóruns.

### **Algumas considerações finais**

Tecer considerações finais a uma pesquisa que se propôs conhecer como as organizadoras apreendem os Fóruns Regionais Mineiros de Educação de Jovens e Adultos quando membros da organização, conferindo especial atenção a dois, do Leste e do Sudeste, impossível pensar que a abrange o Estado de Minas. De igual maneira, estamos conscientes que o objeto comporta outras abordagens. Entretanto, acreditamos que o recorte é válido e os

traços apontados sobre esses Regionais permitem vislumbrar o restante do contexto: demais Regionais Mineiros ou de outros Estados que se desenvolvem no âmbito da Secretaria Municipal de Educação ou da Universidade. Partimos do objetivo de compreender os Fóruns Regionais Mineiros de EJA. Para tanto, transitamos por um contexto mais amplo envolvendo a democracia, o retorno da participação e da ação. Dialogamos com tópicos da história recente da EJA e podemos, sem medo de errar, concluir que a V CONFINTEA, em 1997, contribuiu no redesenho do campo de luta pela EJA no Brasil, com reflexos que chegam aos dias atuais. À época, o movimento em torno da modalidade, vivido dialeticamente entre tensões e conquistas, acabou instaurando novas arenas de debates - os Fóruns Estaduais de EJA. A seu turno, os Estaduais incentivam a criação de Regionais no intuito de ampliar as discussões no território nacional. Constituídos como espaços plurais, coletivos, suprapartidários, os Fóruns Estaduais e Regionais emergem, em alguma medida, cientes de possuir potencial para enfrentar a política governamental estabelecida para a EJA. A fim de perceber esse novo objeto os Fóruns de EJA, construímos uma abordagem, que se reconhece provisória. Percebemos que os Fóruns comportam uma ação, comunicação, representação, participação e uma gramática, pelo menos. Antes de analisarmos os Fóruns do Leste e do Sudeste, foi necessário focalizar o Fórum Mineiro por dois motivos: ser incentivador e pela influência que exerce no conjunto da organização dos Regionais. Anotamos que, em ambos os casos, os Fóruns entram nas instituições desnaturalizando concepções, fazeres e saberes sobre a EJA consensuados entre os pares. Sobretudo, propiciam visibilidade as ações da modalidade e forçam os governos locais a fazerem-se presentes. As articuladoras dos Fóruns do Leste e do Sudeste revelaram aspectos e particularidades dos arranjos que os mantêm e das experiências socioculturais e tensões que experimentam. Ainda que vivenciadas em espaços distintos, igualam-se, em alguma medida: na organização dos Fóruns e na apreensão deles como espaços de discussão, de convivência com a diversidade, do diálogo compartilhado. Portanto, no fazer há largo espectro educativo que se difunde entre os atores, os locais de onde falam e as regiões onde atuam. A definição compartilhada para Fóruns é: espaços de formação. Todas experimentam o espaço como parte da formação profissional e pessoal, o qual se mescla aos diferentes papéis que exercem. Durante todo o trabalho fomos construindo a concepção de formação. Não que desconhecêssemos que o tema possui boas e adequadas definições e abordagens. Mas, sim, trazemos neste trabalho uma leitura da formação fora da ambiência

escolar. Seria quase que encontrar a resposta para “onde mais se aprende?”. São as relações que se estabelecem entre as educadoras e as demandas da organização dos Fóruns que comprovam a formação ou o conteúdo da formação. Por esse viés, a formação ainda carece de maiores estudos e pesquisas. Para finalizar, o estudo ainda guarda lacunas e possibilidades para novas pesquisas. Isso porque nos acercamos da VI CONFINTEA e, depois de 2007, temos mais Fóruns Regionais no território mineiro desempenhando ações, definindo o papel da EJA com governos locais, ensinando na vivência e na convivência. A necessidade de desvelá-los aponta que este trabalho não fecha com um ponto final a história recente da EJA.

### **Referências Bibliográficas**

- ARATO, A. Ascensão, declínio e reconstrução do conceito de sociedade civil. Conferência apresentada no XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu. Trad. Vera Pereira. 1994.
- AVRITZER, L. A Moralidade da Democracia: ensaios em teoria habermasiana e teoria democrática. SP: Ed. Perspectiva; BH: Ed. da UFMG. 1996.
- BOHMAN, J. Public Deliberation: pluralism, complexity and democracy. Cambridge: MIT Press. 1996.
- CAMPOS, Rogério. Protagonismo recente dos movimentos sociais em política, educação e cultura. In: GIOVANETTI et al. (org). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- COHEN, J. L. Sociedade Civil e Globalização: Repensando Categorias. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 46, nº 3, pp. 419 a 459. 2003. Trad. Vera Pereira.
- DANTAS, A. C. de L. Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro: tecendo novas práticas políticas na esfera pública. (Monografia). Faculdade de Educação. UERJ; RJ. 2005.
- DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. Edu. e Soc., vol.26, n 92, p. 1115-1139, Especial – Out. Disponível em [www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). 2005.
- FARIA, C. F. Estado em Movimento: Complexidade Social e Participação Política no Rio Grande do Sul. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação. UFMG. 2005.
- FEITOSA, S. C. S. Brasil 10 anos sem Paulo Freire. Reveja. Revista de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em [www.reveja.org.br](http://www.reveja.org.br). 2007.

HABERMAS, J. Três modelos normativos de democracia. Tradução Gabriel Cohn e Álvaro de Vita. Lua Nova, São Paulo, n. 36, p.39-53. 1995.

LIMA, Ivana. O Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Estado da Paraíba: uma avaliação dos primeiros cinco anos de existência (1999-2004). João Pessoa; Pb, 2006. Dissertação de Mestrado.

MARTUCCELLI, D. As contradições políticas do multiculturalismo. Revista Brasileira de Educação. N ° 2. P. 18-32. 1996.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, J. C. Fóruns de EJA: criação, trajetórias e desafios atuais. Universidade Federal de Viçosa; MG. (Monografia). 2005.

OLIVEIRA, E. C. de. (2006). Os sentidos dos múltiplos espaços e tempos de formação de professores de EJA. In: Soares, L. J. G. Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO.

PAIVA, J. Educação de Jovens e Adultos: movimentos pela consolidação de direitos. Revista eletrônica REVEJA. Revista de Educação de Jovens e Adultos. 2007.

\_\_\_\_\_ et al. Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004. Brasília: UNESCO/MEC, 2004.

RIBEIRO, A. C. O dilema em torno da Esfera Pública: a centralidade do conceito dentro da teoria deliberativa da democracia e suas reformulações a partir da proposta habermasiana. Revista eletrônica Habitus: IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-46. 2008. Disponível em [www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)

SANTOS, B. S. & AVRITZER, L. Introdução: para ampliar o cânone democrático. In: Santos, B. S. (org.). Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

SCHERER-WARREN, I. & GADEA, C. A. A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia Latino-americanos. Revista Sociologia Política, Curitiba, 25, p. 39-45. 2005.

SILVA, Eduardo J. L. Fórum de Educação de Jovens e Adultos: uma nova configuração em movimentos sociais. João Pessoa: Universitária, 2005.



